

03 JULHO 2017

10:00 - 12:00

Plínio de Arruda Sampaio Jr (IE-UNICAMP)

Brasil: reversão neocolonial e trabalho

O conhecimento dos mecanismos que condicionam a digestão do excedente absoluto de capitais responsável pela crise econômica geral e o sentido das inovações inscritas na modernização das forças produtivas é fundamental para o entendimento do sentido das mudanças estruturais que impulsionam a reorganização do sistema capitalista mundial. A exposição destacará o impacto dessas mudanças sobre a divisão internacional do trabalho tendo em vista o objetivo de delimitar os condicionantes históricos que condicionam o movimento das economias latino-americanas de uma maneira geral e o da economia brasileira em particular. A exposição será desdobrada em quatro movimentos. Primeiro, apresentaremos o caráter da política econômica que vem sendo levada a cabo para administrar a crise - a solução americana. Em seguida, caracterizaremos o padrão de concorrência baseado no estrangulamento financeiro e tecnológico, mostrando seus efeitos contraditórios sobre a renovação das forças produtivas. Num terceiro momento, examinaremos a relação entre o salto de qualidade no desenvolvimento das cadeias de valor propiciado pelos avanços da "revolução algorítmica" e a emergência de um sistema de produção contínua. Por fim, apresentaremos um breve esboço das tendências que condicionam a reorganização da divisão internacional do trabalho, destacando suas consequências particularmente nefastas para as economias periféricas. Será dada uma ênfase particular aos impactos da crise sobre a economia

brasileira, caracterizando a relação entre reversão neocolonial e reorganização da relação capital trabalho.

Brazil: neocolonial reversal and labour

The knowledge of the mechanisms that condition the digestion of the absolute surplus capital responsible for the general economic crisis and the character of the innovations inscribed in the modernization of the productive forces is fundamental for the understanding of the meaning of the structural changes that drive the reorganization of the world capitalist system. My conference will highlight the impact of these changes on the international division of labor with the objective of delimiting the historical conditions that determines the movement of the Latin American economies in general and of the Brazilian economy in particular. The exhibition will be unfolded in four movements. First, I will present the character of the economic policy that is being carried out to manage the crisis - the American solution. Next, I will characterize the competition pattern based on financial and technological asphyxia, showing its contradictory effects on the renewal of the productive forces. In a third moment, I will examine the relationship between the quality leap in the development of the value chains provided by the advances of the "algorithmic revolution" and the emergence of a continuous production system. Finally, I will present a brief outline of the main trends that condition the reorganization of the international division of labor, highlighting its particularly harmful consequences for peripheral economies. Special emphasis will be given here to the impact of the economic crisis on the Brazilian economy, characterizing the relationship between neocolonial reversal and reorganization of the labor relation in Brazil.

Jorge Grespan (DH-USP)

A crise econômica mundial em perspectiva

A crise econômica mundial começou há praticamente dez anos e vem apresentando diferentes fases e facetas. De acordo com a versão de alguns autores, inclusive, ela já teria sido resolvida em vários países e estaria em vias de ser superada em definitivo no mundo como um todo. A minha exposição pretende reexaminar a história da crise, até para desmascarar a versão otimista, entendendo-a como resultado e faceta assumida pela fase atual da crise. Assim como, até há não muito tempo, o desenvolvimento econômico parecia estar aberto a qualquer país que adotasse a política econômica correta, independentemente das condições da divisão internacional do trabalho, também a pretensa solução da crise parece ser possível para cada país em separado, de acordo com sua competência para gerir seus problemas internos. Um olhar em conjunto e em perspectiva, porém, é suficiente para repor todo o problema sob a luz da crítica.

*

13:30 - 15:00

Thyago Villela (FCH-UNICAMP)

Do cavalete à fábrica: o produtivismo soviético e a questão do modo de vida (1923)

“O mesmo momento histórico em que o bolchevismo triunfou por si próprio na Rússia, e em que a social-democracia lutou vitoriosamente pelo velho mundo, marca o nascimento completo de uma ordem de coisas que está no âmago da dominação do espetáculo moderno: a

representação operária opôs-se radicalmente à classe.”
(Guy Debord, *A sociedade do espetáculo*, 1967)

Na URSS dos anos 20, o desenvolvimento de uma estrutura de poder centrada na heroicização da classe operária e no avanço das forças produtivas formou-se a partir da repressão violenta ao movimento operário. Tal projeto de *representação operária*, que se opunha à classe trabalhadora como sujeito revolucionário ativo, conforme caracterizou Debord, não foi realizado sem resistência.

A comunicação pretende analisar o papel desempenhado pelo movimento produtivista, entre os anos de 1923 e 1928, na resistência referida. Serão apresentadas, assim, as posições do grupo sobre a necessidade da reestruturação das relações de trabalho e da construção do poder operário no processo revolucionário – posições que, às vésperas de 1968, serão retomadas pelo projeto situacionista.

From easel to factory: Soviet productivism and the issue of everyday life (1923)

“This same historical moment, when Bolshevism triumphed for itself in Russia and social democracy fought victoriously for the old world, also marks the definitive inauguration of an order of things that lies at the core of the modern spectacle's rule: this was the moment when an image of the working class arose in radical opposition to the working class itself.” (Guy Debord, *Society of the Spectacle*, 1967)

In the 1920s USSR, the development of a power structure centered in the celebration of the working class and in the advance of the productive forces was the result of the violent repression of the labor movement. The workers' representation project, which opposed the working class as an active revolutionary force, as characterized by Debord, was not carried out without resistance.

This communication intends to analyze the role the productivist movement played in the referred resistance between 1923 and 1928. The group's positions on the need to restructure labor relations and the construction of workers' power in the revolutionary process will be presented. These positions would be resumed by the situationist project on the eve of 1968.

*

Dalila Camargo Martins (ECA-USP)

Crônica de Anna Magdalena Bach: trabalho no e do cinema

"Brecht já dizia em seu prefácio a *Kuhle Wampe*: 'a organização nos custou muito mais trabalho do que o trabalho artístico por si só' e, diz ele, isso vem do fato de que era um filme político."

Jean-Marie Straub

Em nossa comunicação, analisaremos o primeiro longa-metragem dos cineastas Danièle Huillet e Jean-Marie Straub, intitulado *Crônica de Anna Magdalena Bach* (1968). Seu roteiro foi redigido entre 1954-59, a partir da necrologia elaborada por Carl Philipp Emanuel Bach e J. F. Agricola, em 1754, além de cartas, memórias, partituras e outros documentos do século XVIII. O atraso de quase dez anos na produção se deu por causa de um boicote sistemático

por parte da indústria fonográfica alemã. Huillet-Straub tinham o intuito de divulgar, em salas de cinema e redes de televisão populares, uma obra forjada pelo romantismo burguês. E a desmitificação da noção de gênio, por meio da documentação rigorosa do processo criativo musical como um trabalho pleno de historicidade, punha em crise o monopólio cultural.

The Chronicle of Anna Magdalena Bach: cinema's work and work in cinema

"Brecht already said in his preface to *Kuhle Wampe*: 'the organization cost us a lot more work than the artistic work itself' and, he says, this comes from the fact that it was a political film." (Jean-Marie Straub)

In our communication, we will analyze the first feature film by Danièle Huillet and Jean-Marie Straub, entitled *The Chronicle of Anna Magdalena Bach* (1968). Its script was written between 1954-59, after the obituary elaborated by Carl Philipp Emanuel Bach and J. F. Agricola in 1754, as well as letters, memoirs, scores and other documents of the eighteenth century. The delay of nearly ten years in its production was due to a systematic boycott by the German recording industry. Huillet-Straub intended to release, in movie theaters and popular television networks, a work forged by bourgeois romanticism. And the demystification of the notion of genius, through rigorous documentation of the creative process of music as a work full of historicity, put the cultural monopoly in crisis.

Peterson Pessoa (ECA-USP)

[Godard + Gorin] / [Eisenstein x Vertov]

Uma das temáticas mais abordadas pelo discurso dos artistas e teóricos construtivistas/produtivistas sobre cinema dizia respeito à sua capacidade de se adaptar às tarefas sociais pertinentes à Revolução (agitação, educação das massas etc.). Os debates e as discussões abordavam principalmente sobre a questão do “material cru” a ser trabalhado. De um lado, S. M. Eisenstein, em sua defesa do caráter psicológico e emocional do cinema “encenado” (ficcional), posto a serviço da Revolução, e, de outro, a posição de Vertov, que considerava que o cinema revolucionário deveria se fundar numa apresentação “factográfica” (documental) e clara dos temas e questões mais urgentes do cotidiano da luta dos trabalhadores.

Quatro décadas depois, os cineastas Jean Luc Godard e Jean-Pierre Gorin – em sua primeira colaboração, “Um filme como os outros”, produzido entre julho e agosto de 1968 – realizam um filme sem créditos que tem como “motivo” (ou cena) principal o encontro entre três estudantes de Nanterre e dois operários da Renault. Intercalam-se, entre as imagens do encontro, tomadas documentais dos eventos do maio de 68, feitas nas ruas, bem como de encontros políticos e reuniões entre militantes que participaram dos acontecimentos. Tanto o título quanto a montagem indicam que o filme consiste numa construção que propõe a destruição do cinema enquanto mercadoria: não é produto para consumo, mas uma “faktura” orientada para o processo histórico de luta.

Nesse sentido, o objetivo desta comunicação é, a partir de uma reflexão sobre o cinema revolucionário soviético da década de 1920,

discutir em que medida no experimento filmico de Godard e Gorin ecoam as discussões e os avanços alcançados por Eisenstein e Vertov no campo do cinema.

[Godard + Gorin] / [Eisenstein x Vertov]

One of the topics most addressed by the discourse of artists and theorists of constructivism/productivism on cinema was regarding their ability to adapt themselves to the social tasks pertinent to the Revolution (agitation, education of the masses etc.). Debates and discussions focused mainly on the issue of the “raw material” to be worked on. On one hand, S. M. Eisenstein, in his defense of the psychological and emotional character of the “played” (fictional) cinema, put at the service of the Revolution, and, on the other, the position of Vertov, who considered that revolutionary cinema should be founded on “factographic” (documentary) and clear presentation of the more urgent themes and issues of the daily struggle of the workers.

Four decades later, the filmmakers Jean Luc Godard and Jean-Pierre Gorin – in their first collaboration, “A film like any other”, produced between July and August of 1968 – make a film without credits that has for main “theme” (or scene) the meeting among three students from Nanterre and two Renault workers. The images of the meeting are interspersed with documentary footage of the events of May of ‘68, made in the streets, as well as of political meetings and reunions among militants who participated in the events. Both the title and the montage indicate that the film consists of a construction that proposes the destruction of cinema as a

commodity: it is not a product for consumption, but a “faktura” oriented to the historical process of struggle.

In this sense, the purpose of this communication is, from a reflection on the Soviet revolutionary cinema of the 1920s, to discuss to what extent in the film experiment of Godard and Gorin echo the discussions and advances achieved by Eisenstein and Vertov in the field of cinema.

*

15:15 - 17:15

Marcos Soares (FFLCH-USP)

Ken Loach e o debate inglês sobre o naturalismo

Após as vitórias retumbantes de Ronald Reagan e Margareth Thatcher no início da década de 1980 e a consequente virada mundial para a direita que caracterizaria os anos seguintes, o crítico cultural Fredric Jameson famosamente afirmou que uma das principais características da “cultura da globalização” era sua resistência às “velhas formas de totalização”. Entretanto, a discussão teórica e prática sobre a hegemonia da cultura pós-moderna não relegou as “antigas formas da arte política” à lata de lixo da História, como era de se esperar. O século XXI e as crises que marcaram a última década viram, pelo contrário, o ressurgimento do trabalho de cineastas engajados como Ken Loach, cujo “Eu, Daniel Blake” (2016) dá uma nova versão a respeito da invisibilidade da “cultura do capital financeiro” ao analisá-la do ponto de vista das estratégias contemporâneas que o capitalismo atual deve utilizar para sobreviver. Esta apresentação pretende refletir sobre a obra de Ken Loach como um prolongamento do

debate inglês sobre o Naturalismo e a arte engajada que nasce com a Nova Esquerda no final dos anos 60 e ganha um importante ponto de inflexão no trabalho de Raymond Williams. Trataremos dos modos através dos quais os filmes do cineasta fizeram avançar esse debate ao formular uma solução para as contradições que toda uma geração de cineastas engajados deparou nos filmes da chamada British New Wave, realizados entre 1958 e 1964.

Ken Loach and the English debate on naturalism

After the resounding victories of Ronald Reagan and Margareth Thatcher in the 1980's and the worldwide rightward shift that would dominate the next two decades, cultural critic Fredric Jameson famously claimed that one of the main features of the "culture of globalization" was its resistance against totalizations of the "older types". The theoretical and practical discussions that issued about the hegemony of postmodern culture did not, however, relegate "older forms of political art" to the trashcan of History, as might have been expected. The beginning of the 21st century and of the crises that have punctuated the last decade has seen, on the contrary, the resurgence of the work of committed filmmakers such as Ken Loach, whose "I, Daniel Blake" (2016) gives a new twist to the question of the "invisibility" of the "culture of finance capital" by looking at it from the standpoint of contemporary strategies that capitalism needs to resort to in order to survive. This presentation intends to look at Ken Loach's body of work as a continuation and a new inflection to the debate about Naturalist and committed art in Britain that has its origins in the culture of the British New Left, reaching a new level of interpretative strength in Raymond William's contribution. This presentation will then look at the ways in which Loach has contributed to the development of a political type of filmmaking that found new solutions to the limits reached by his

colleagues of the "British New Wave" of the 1960's and that over more than 50 years have helped to usefully forge an anti-capitalist form of film culture.

*

Luiz Renato Martins (ECA-USP)

As muitas faces da austeridade: totem, farsa e fetiche

Que fazer de um tecido social despedaçado, da depressão generalizada da vida política, e, além do mais, sob o assédio de surtos de exibicionismo delirante e atos institucionais de hipocrisia e confisco da maioria?

Diante da livre-circulação mundial dos capitais, que contam, ademais, com a hipertrofia midiática, o que podem instituições e práticas críticas modernas (universidade, parlamento, discursos reflexivos e artes), cuja negatividade provém de era remota e instâncias anacrônicas? Ou caberá exclusivamente à ação direta o resíduo de negatividade ainda existente numa sociedade vertiginosamente remodelada pelo capital? Enfim, com que armas lutar?

Tais questões permeiam a série de filmes de Fernando Solanas, iniciada com *Memoria del Saqueo* (2002). Sua origem foi a insurreição popular argentina, que levou à deposição do presidente De la Rúa em dezembro de 2001. Narra, pois, segundo o princípio da ação direta, a superação coletiva de uma crise e de uma afasia generalizada. Apresenta a reconstrução de um sujeito coletivo e de uma contranarrativa, na contracorrente dos clichês pós-modernos. Assim, o processo de regeneração, além de sociopolítico e coletivo, mostra-se também em termos estéticos. Alimenta na escala

concentrada da reflexão artística a reconstrução do ato cinematográfico, de sua relação com a realidade e com a percepção coletiva.

Não obstante, se a correlação de forças alterou-se momentaneamente na Argentina, e permitiu à hegemonia popular, no campo moral, estabelecer investigações e tribunais e julgar o terror de Estado e os crimes de tortura, é fato que o poder popular além de não ter se consolidado, de fato, hoje retrocedeu.

De um modo ou de outro, o caso argentino, tanto do ponto de vista histórico e político, quanto daquele cinematográfico, parece conter tudo o que precisamos, no Brasil, e ainda um pouco mais... Com efeito, se o sucesso da insurreição argentina de 2001, de expulsar do poder um presidente, com base na espontaneidade popular, aparece a nós, brasileiros, como um caso desejável e exitoso, o que nos diz a lição argentina? Como expõe seus limites e apresenta novos problemas? Como filmar, avançar e, depois, resistir, sem retroceder?

The many faces of austerity: totem, farce and fetish

What is to be done with a torn social fabric, a political life in severe depression, and, moreover, under the harassment of delirious exhibitionistic outbursts, besides institutional acts of hypocrisy and dispossession of the majority.

Facing the global free-circulation of capital, which furthermore relies upon the media hypertrophy, what can do the modern institutions and critical practices (university, parliament, reflexive discourses and arts), whose negativity proceeds from past eras and anachronistic institutes? Thus, could we consider that only direct

action holds some of the remaining negativity yet enough to defy a society which has been vertiginously reshaped by capital? In short, which weapons are still available?

Such questions pervade the series of Fernando Solanas' films, starting with *Memoria del Saqueo* (2002). Its origin was the Argentine popular insurrection, which led to President De La Rúa removal from office in December 2001. It proves, according to the principle of direct action, the collective overcoming of a crisis and moreover of a generalized aphasia. It presents, therefore, the reconstruction of the collective subject, challenging postmodern standards.

Thus, the regenerating process, in addition to sociopolitical and collective, also presents itself in aesthetic terms. In the concentrated scale of artistic reflection, it nourishes the reconstruction of the cinematographic act, in addition to its interaction with reality and collective perception.

Nevertheless, if the correlation of political forces changed for a moment in Argentina, and allowed people's hegemony, in the moral field, thus, to establish prosecutions and courts to judge State terror and crimes of torture, it is a fact today that the power of the people, besides having not consolidated, actually, has retreated.

Anyway, the Argentine case either from the historical and political point of view, either from the cinematographic viewpoint, seems to hold everything which we need in Brazil, and still furthermore... In effect, if the achievement of 2001 Argentine insurrection, based mainly on people spontaneity, of expelling out of power a president, does appear to us, Brazilians, as a desirable and successful case, what does the Argentine lesson still has to tell us?

How does it reveal its limits and present new problems? How to shoot, move forward and, then to resist, without having to retreat?

*